

# A NOÇÃO DE PORTRÄT EM WITTGENSTEIN

*João Carlos Salles Pires da Silva\**

UFBA

O que digo significa, portanto: não se pode descrever o vermelho. Não se pode, contudo, apresentá-lo pictorialmente, ao se pintar algo vermelho?

Não, isso não seria uma apresentação pictórica do significado da palavra 'vermelho' (tal não há).

O retrato do vermelho.

Ludwig Wittgenstein (MS 110, p. 213.)

## 1

A arquitetura sem ornamentos do *Tractatus Logico-Philosophicus* não nos convida exatamente a habitá-lo; centra-se bem na simetria entre lógica e ontologia, linguagem e mundo, conquanto caiba sempre destacar, como se fora um seu ponto de amarração e corte, a preponderância de exigências lógicas sobre postulados ontológicos. Obra, portanto, de lógica filosófica (e não, digamos, de epistemologia), obra produtora de *Erläuterungen* (e isso *wesentlich*), volta-se à possibilidade da significação, antes que à significação efetiva, estando distante de seu propósito descrever ou esclarecer o que é meramente possível. Na verdade,

---

(\*) Professor do Departamento de Filosofia da UFBA. Esta pesquisa conta com recursos do PRODOC (CADCT/UFBA) e com o apoio de bolsa de produtividade do CNPq.

como obra de filosofia que se põe exigências modalmente fortes, à semelhança da lógica, todas as possibilidades são fatos seus e, com isso, a própria necessidade da possibilidade.<sup>1</sup> Logo, não este nosso mundo é tudo que é o caso, senão qualquer mundo que, resolvendo-se em fatos, possa ser disposto no espaço lógico; qualquer mundo, enfim, real ou imaginário, que possa ser dito. Tampouco esta nossa linguagem é seu objeto, mas sim qualquer linguagem que esteja em ordem e, dessa forma, resolvendo-se em proposições, possa mostrar como estão as coisas, mesmo e sobretudo sem jamais poder dizer como elas são.

Em carta a Russell, incapaz de atinar com o sentido do *Tractatus*, Wittgenstein insiste ser o ponto principal do livro sua distinção entre “o que pode ser expresso (*gesagt*) por proposições – isto é, pela linguagem – (e, o que vem a ser o mesmo, o que pode ser pensado) e o que não pode ser expresso, mas apenas mostrado (*gezeigt*) pelas proposições”.<sup>2</sup> É essa tarefa de demarcar, no interior da linguagem, os limites entre o que *pode* e o que não *pode* ser dito, o *Tractatus* a teria cumprido no essencial (ou seja, de forma completa e definitiva, segundo a própria natureza de uma investigação lógico-filosófica). De certa forma, teria demarcado o significativo, isso que podem afirmar e afirmam as ciências, por uma investigação sobre a essência da significação, o externo pelo interno, o que pode ser dito pelo inefável, comprometendo-se, quando menos, com certo jogo de modalidades, pelo qual se obriga, entre outras coisas, a reduzir o campo do necessário ao analítico e a caracterizá-lo por uma completa ausência de informação sobre o mundo.<sup>3</sup>

(1) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.012 e 2.0121.

(2) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Briefwechsel mit B. Russell, G. E. Moore, J. M. Keynes, F. P. Ramsey, W. Eccles, P. Engelmann und L. von Ficker*, p. 252.

(3) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.43b; 6.1, 6.11. Ao afirmar ter resolvido, no essencial, a própria demarcação a que se propôs, vale insistir, Wittgenstein certamente teve em conta a natureza mesma da tarefa e o que a define. O *Tractatus* não seria uma obra de lógica filosófica se ‘essencial’ coincidissem aqui com o mais importante. ‘Essencial’ coincide com o que lhe é próprio, tendo sido feito de forma completa e definitiva, inclusive com o concomitante e negativo resultado de importar muito pouco resolver tais problemas.

Materializa-se, além disso, essa tarefa de demarcação em uma dada concepção de representação, de sorte que uma afiguração autêntica (sendo essencialmente bipolar e, logo, significativa antes de a sabermos verdadeira ou falsa)<sup>4</sup> deve manter uma relação externa com a situação representada, com a qual compartilha uma forma lógica. Por sua feita, a forma da afiguração é inefável, não pode afigurar-se. Afinal de contas, a figuração representa seu objeto de fora, com o que ela pode ser verdadeira ou falsa, conquanto não possa se colocar fora de si mesma, ou seja, fora de sua forma de representação.<sup>5</sup> Também a proposição, podendo representar toda a realidade, não pode representar o que tem em comum com a realidade, embora esse comum, a forma lógica, seja condição da representação. Esse comum se mostra, a proposição o espelha, o exhibe.<sup>6</sup> A imagem mantém assim uma relação externa com o que representa e uma relação interna com o que exhibe. Em sendo externa a relação, ela deve poder ser falsa, assim como deve poder ser verdadeira, não sendo afigurável o comum à afiguração e à realidade. O que há de idêntico entre o fato que afigura e o fato afigurado é antes condição da afiguração e não seu objeto;<sup>7</sup> deve haver e, logo, não pode ser dito; exhibe-se sem se afirmar.

Inefável a forma da afiguração, sustenta-se ela por uma necessariamente possível correspondência entre os elementos das proposições e os dos fatos. Dado, porém, o nível mínimo de afiguração possível, a correspondência ela própria está aquém do começo mesmo da significação. O mundo, afinal, enquanto referência do que pode ser dito, resolve-se em fatos e não em coisas, que devemos todavia supor. Também a linguagem encontra sua menor unidade significativa nas configurações de nomes, em meio às quais apenas, como elos de uma corrente, os nomes podem ter significado. Como apenas a proposição tem sentido, a li-

---

(4) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.21, 2.22 e 2.221.

(5) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.172, 2.173 e 2.174.

(6) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.12 e 4.121.

(7) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.16 e 2.161.

gação entre nomes e objetos, elementos da linguagem e do mundo, cuja multiplicidade combinatória formal é um suposto essencial da possibilidade da significação,<sup>8</sup> permanece ela própria inexpressa e infensa ao enunciado de uma sua qualquer razão. Inefável essa ligação entre coisas e nomes, inclusive por não poder ser expresso o porquê de uma atribuição, ela tão-somente se mostra. Afinal, havendo algum motivo para discernir um objeto de outro, não teríamos chegado à análise última dos elementos, aos simples eles próprios, à substância do mundo, suposto essencial da possibilidade da determinação do sentido.

Não tivesse o mundo substância, afirma o aforismo 2.0212, seria impossível traçar-lhe uma figuração. Da mesma forma e como uma sua contrapartida, “o postulado da possibilidade dos sinais simples é o postulado do caráter determinado do sentido”.<sup>9</sup> Dada porém sua simplicidade essencial, não pode se resolver a ligação entre nome e objeto salvo por uma relação de substituição. “O nome substitui, na proposição, o objeto. Os objetos, só posso nomeá-los. Sinais substituem-nos. Só posso falar sobre eles, não posso enunciá-los.” Caso pudéssemos discernir razões para a ligação entre nome e objeto, poderíamos enunciá-las. Uma proposição, porém, “só pode dizer *como* uma coisa está, não o *que* ela é.”<sup>10</sup> E, por isso mesmo, não pode haver objeto simples que, além de sua essencial *Verbindlichkeit*, comporte, por exemplo, exclusão. Um objeto que, assim, em uma configuração de nomes, a torne negativa. No contexto do *Tractatus*, aliás, é por demais óbvio não poder haver elementares negativas, quer por comportarem algum conectivo, quer por não poder a multiplicidade dos nomes comportar alguma interdição.<sup>11</sup>

A esse conjunto de exigências lógicas para a determinação da significação e sua possibilidade, Wittgenstein faz alusão retrospectivamente, em 16 de julho de

(8) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.014 e 2.0141.

(9) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 3.23.

(10) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 3.22 e 3.221.

(11) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Briefwechsel mit B. Russell, G. E. Moore, J. M. Keynes, F. P. Ramsey, W. Eccles, P. Engelmann und L. von Ficker*, p. 252.

1931, no MS 111, quando rememora de algum modo a situação formal descrita nos aforismos 3.2 a 3.21. E podemos bem tomar essa anotação como uma síntese desse mesmo contexto teórico que ele breve criticará:

“Um objeto, em certo sentido, não se deixa descrever” (também em Platão: “ele não pode ser / descrito // explicado //, mas apenas nomeado”) [.] Com [“] objeto” se quer dizer aqui o “significado de uma palavra não mais definível”, e com “descrição” ou “explicação”, simplesmente: definição, pois, é claro, não se nega que o objeto possa ser ‘descrito de fora’, que lhe possam ser / atribuídas // adscritas // propriedades.

Com uma proposição como aquela acima, pensamos pois em um cálculo com sinais indefiníveis (ou dito de modo mais correto, não-definidos), os nomes, e deles dizemos que não podem ser explicados.<sup>12</sup>

## 2

Definitiva e intocável a verdade dos pensamentos expressos no *Tractatus*, não é de todo pacífico qual seria o ponto de dissolução da obra. As hipóteses divergem (e por bons motivos!), embora diante delas, em sã consciência, o comentador cuidadoso deva admitir, como uma simples questão de fato ou como dado estatístico notável, que (através de uma questão, a princípio, fenomenológica) passa a ocupar posição central na reflexão de Wittgenstein um aforismo antes periférico, o 6.3751 – o que o obriga ao abandono de exigências lógicas fundamentais do *Tractatus*, como a da independência das proposições elementares, e o conduz, doravante, a um tipo de reflexão que bem podemos caracterizar como fenomenológico-gramatical. Um resultado notável dessa dissolução, tal como a apresenta o artigo “Algumas Observações sobre Forma Lógica”, está na impossibilidade de uma análise veri-funcional de enunciados sobre gradações que permitisse a redução da incompatibilidade à forma de uma con-

---

(12) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, pp. 17-18; MS 111, p. 31.

tradição<sup>13</sup>. Nesse ponto, uma palavra para cor mostrar-se-ia simples, apesar de comportar a exclusão de outros termos da mesma dimensão qualitativa. Com enunciados sobre cores, acostariamos enfim sistemas inteiros à realidade, mas, não obstante, a gradação em sua singularidade permaneceria inexpressa e ainda indefinível. O vermelho seria agora simples, porém discernível – o que parece comportar claro paradoxo.

Aproximemos porém bruscamente uma afirmação escrita em 3 de maio de 1931 de uma pergunta das vésperas do São João desse mesmo ano. A afirmação é posta entre aspas, a sugerir estranheza, o deslizamento de uma proposição outra familiar. Com efeito, ela apenas rememora posições pregressas, como as que apresentamos acima, mas agora, as aspas o indicam, Wittgenstein não mais as sustenta por completo. A interrogação, por sua feita, plena de vitalidade, aponta (cinquenta páginas depois no mesmo manuscrito) para uma dificuldade que a afirmação anterior deixava escapar. Vejamos então:

“O que uma palavra significa, / não se pode dizer // uma proposição não pode dizer //.”<sup>14</sup>  
Como então se distingue o azul do vermelho?<sup>15</sup>

Qual a dificuldade? Simples agora o vermelho e, logo, indescritível, como pode ser afigurado? Não podendo ser afigurado, como se distingue, digamos, do

---

(13) Que o vermelho não possa ser descrito veri-funcionalmente e seja, por conseguinte, simples, é um resultado central desse célebre artigo, o “*Some Remarks on Logical Form*”, conhecido em nossos meios como “a caixa de gordura”. Como sabemos, Wittgenstein descarta nesse artigo a possibilidade de uma estrutura lógica veri-funcional expressar adequadamente gradações e ser capaz, com isso, de reduzir ao espaço lógico uma incompatibilidade que pareceria própria da constituição específica do espaço das cores. As cores seriam simples e, não obstante, as proposições que as expressam, conquanto elementares, poderiam manter entre si relações de exclusão, algum tipo misterioso de incompatibilidade sintética.

(14) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 256; MS 110, pp. 166-167.

(15) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 280; MS 110, p. 212.

azul, se o objeto só se distingue por ser diferente? Se uma cor agora é um objeto, enquanto no *Tractatus* os objetos são incolores e se diferenciam apenas por serem diferentes, temos um novo problema.<sup>16</sup> Não podendo ser expressa a gradação, as cores (coisas) possuem todas elas todas as suas propriedades em comum, sendo então impossível distingui-las ou, como enuncia o aforismo 2.02331, “apontar para uma delas”.<sup>17</sup> O nome substitui o objeto na proposição, sem que lhes possamos oferecer a regra dessa identidade. Afinal, nenhuma espécie de composição de sinais é essencial para o nome, que deve designar sem composição alguma,<sup>18</sup> sendo o que têm em comum todos os símbolos que designam o objeto. Nesse caso, porém, não havendo nome negativo (que já seria um composto), como podem ser ambos nomes palavras que, em proposições, comportam exclusão e, fora delas, nada poderiam expressar, mas parecem distinguir onde exatamente não se distinguem? Como então pode distinguir-se o azul do vermelho, se ambos são simples e, portanto, inefável o que os separa, à medida que nada os distingue? Poderíamos imaginar que alguma convenção fosse chamada a sedimentar o que não nos revela uma metafísica das propriedades – metafísica, de resto, absurda. Mas, nesse caso, parece ineludível algum paradoxo na ligação entre propriedade de uma cor e convenção, pois, supérfluas as convenções, porque supérfluas, nada diriam sobre o real, mas tampouco diriam coisa alguma, se necessárias, exatamente por serem necessárias.<sup>19</sup>

---

(16) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 2.0232 e 2.0233.

(17) Por sinal, esse aforismo parece comportar ocultamente uma solução e, todavia, nunca a poderíamos encontrar em seu contexto original, porque, entre outros motivos, nesse contexto Wittgenstein só a pode formular como problema. Em outras palavras, um grande ganho teórico será obtido quando porventura a palavra ‘apontar’ passar a fazer parte da solução. Entretanto, não estando dada a distinção, não encontramos ainda o ato de apontar como a chave para o que se pode distinguir, não havendo outrora clareza conceitual suficiente para a pergunta do MS 110: Como então se distingue o azul do vermelho?

(18) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 3.3411.

(19) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 225; MS 108, pp. 98-99.

Continua assim o MS 110, a propósito de azul e vermelho:

Afinal, não pensamos que uma tenha essa propriedade e a outra aquela. Aliás, são propriedades de azul e vermelho que este corpo (ou lugar) seja azul e aquele vermelho.

À pergunta acerca de “qual a diferença entre azul e vermelho”, poder-se-ia responder: esta é azul e a outra vermelha. Isto, porém, não significa nada e, em verdade, está-se aqui a pensar na diferença entre superfícies ou lugares que têm essas cores; ou, do contrário, a pergunta não teria qualquer sentido.<sup>20</sup>

A pergunta acerca da distinção entre o azul e o vermelho não tem sentido, mas não ter sentido é exatamente sua chave, sua relevância gramatical. Caso pudessem ser distintos, seriam definíveis. Por isso mesmo, não se enuncia significativamente sua diferença, que, entretanto, é condição para enunciarmos a diferença entre superfícies e lugares. Dizer das próprias cores que se distingam por uma ser azul e a outra vermelha é nada dizer, embora estejamos a dizer algo, por vezes importante, quando afirmamos, por exemplo, serem distintas duas paredes por uma ser vermelha e a outra azul. A diferença não-enunciável, interna, é assim condição para o enunciado de relações externas.

A primeira chave gramatical aponta para uma indistinção essencial disso que sabemos distinto. Em um posterior acréscimo a esse trecho do MS 110, Wittgenstein destaca uma assimetria gramaticalmente relevante e muito elucidativa:

Compare, ao contrário: Como se distingue o laranja do rosa? Uma é mistura de amarelo e vermelho; a outra, de branco e vermelho. E pode-se dizer de modo correspondente: azul resulta do púrpura à medida que este se torna cada vez mais azulado; vermelho, se se torna cada vez mais avermelhado.<sup>21</sup>

---

(20) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 280; MS 110, pp. 212-213.

(21) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, TS 212, p. 1880.



Ora, vermelho e laranja têm funções distintas no simbolismo. Posso fazer a imagem de um deles, mas não de ambos. Assim, as cores, antes cifradas uniformemente no *Tractatus*, têm diversos critérios de identidade, não podendo ser tratadas todas sob o aspecto único da incompatibilidade ampla. Sob o aspecto da incompatibilidade restrita, a constituição do espaço das cores solicita pontos excelsos, que não têm o mesmo estatuto gramatical das cores intermediárias, secundárias, mistas, sem identificarmos para a diferença qualquer causa, sem que ela, portanto, seja tão-somente *erfahrungsgemäß*.

Com laranja e rosa, então, a pergunta tem sentido, pois definíveis e, com isso, deles podemos fazer imagens. Por exemplo, alaranjado = semelhante ao vermelho e ao amarelo. Entretanto, se tentamos definir avermelhado, se tentamos descrever o que é um instrumento da descrição, chegamos a um vazio. Avermelhado = semelhante ao vermelho. A relação é aqui de retrato (e isso logicamente, como a intenção). Quando, pois, de modo correspondente à descrição do laranja e do rosa, tentamos descrever o azul, fica patente uma circularidade. Ele ocorre no *definiendum* e no *definiens*, coincidindo com o que expressa. Não podemos fazer dele uma imagem e ele, não obstante, se distingue ao fazermos um retrato, para o qual interfere (logicamente, essencialmente, no interior de um simbolismo, segundo regras, em uma gramática) um componente pragmático.

O que digo significa, portanto: não se pode descrever o vermelho. Não se pode, contudo, apresentá-lo pictorialmente, ao se pintar algo vermelho?

Não, isso não seria uma apresentação pictórica do significado da palavra 'vermelho' (tal não há).

O retrato do vermelho.<sup>22</sup>

De certas cores podemos dar a imagem (*Bild*), mas não podemos dar a imagem do vermelho. Tal não há, conquanto haja seu retrato. "*Das Porträt von rot.*"

---

(22) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 280; MS 110, p. 213.

Um retrato é, por vezes, apenas um retrato.<sup>23</sup> Quando utilizada, contudo, de 1930 a 1932, por oposição estrita a *'Bild'*, a noção de 'retrato' (*'Porträt'*) cumpre uma função específica na obra de Wittgenstein: uma representação que não se determina pela semelhança e, ademais, comporta a singularidade de relacionar-se de modo interno com o objeto retratado. Temos procurado até aqui mostrar o contexto teórico que solicita tal uso preciso da noção de 'retrato' por oposição à de 'imagem'. Esperamos tornar claro que, nesse momento da obra, o *'Porträt'* é um dos nomes de 'paradigma', de 'padrão', de 'amostra', oferecendo essas noções uma resposta não-hipotética ao problema do simples. Com isso, Wittgenstein pode prosseguir, gramaticalmente, sua investigação "fenomenológica" dos dados dos sentidos.

Se o sentido de uma proposição é determinado pela maneira como pode ser verificada, ser um retrato independe de qualquer verificação, de resto ilógica.<sup>24</sup>

---

(23) Não parece mais que isso na frase: "*Der Allgemeine Satz [Ich sehe einen Kreis auf rotem Grund] scheint einfach ein Satz zu sein der Möglichkeiten offenläßt. Gleichsam ein unvollständiges Bild. Ein Porträt in dem z.B. die Augen nicht gemalt wurden.*" (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 111; MS 107, pp. 192-193.) Em novembro de 1930, Wittgenstein escreve: "*Man könnte sich ein negatives Portrait denken d.i. ein Bild [was | das] darstellen soll wie Herr A. nicht aussieht. (das also ein schlechtes Portrait ist wenn es A ähnlich sieht)*" (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 106; MS 109, pp. 195-196). Aqui, retrato só pode ser trivialmente um retrato, à medida que falharia em ser um não-retrato por ser *semelhante*. Às vezes, o emprego técnico é sutil, sendo difícil reconhecê-lo, como ao opor-se, em um *Gleichnis*, a *Genrebild*, pois nesse caso a cena de costumes (que vale por exemplo para uma espécie de famílias e não pode ser verificada, embora tenha sentido) opõe-se ao retrato efetivo de uma família. (Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, TS 211, p. 336.) Os *Porträts* estariam então nas palavras comuns (*rot, rechts*, etc.) que nos fazem reconhecer a cena, à qual falta todavia a ligação com o aqui e o agora.

(24) "*Wenn ich sage „der Sinn eines Satzes ist dadurch bestimmt, wie er zu verifizieren ist“, was muß ich dann von dem Sinn des Satzes, daß [dieser Satz | dieses Bild] [die Übersetzung | das Portrait] jenes Gegenstandes sein soll, sagen? Wie ist das denn zu verifizieren? (31 Aug, 1930, 109, pp. 76-77)*

Afinal, assim como não haveria elementares negativas, em certo sentido não pode haver um retrato negativo, embora haja proposições negativas.<sup>25</sup> Pensemos em imagens como a de quadros que afiguram situações cotidianas: o trabalho em uma cozinha, o trabalho no campo, a hora do ângelus, etc. Tais imagens têm sentido sem que nos ocupemos com tomá-los por fiéis a um aqui e agora. Uma tal proposição, portanto, *ein Genrebild*, estaria para uma afirmação como uma imagem em geral para um retrato.<sup>26</sup> Em outras palavras, para uma imagem ser significativa, a existência do retratado é irrelevante, sendo-lhe todavia essencial a semelhança. É o caso das *Genrebilder*. A imagem é *zeitlich*; o retrato, *zeitlos*. Assim, grosso modo, é *zeitlich* a representação de um vermelho como parte em um campo visual ou mesmo como seu todo, mas é *zeitlos* a representação da cor vermelha, ou seja, a representação disso que corresponde à palavra vermelho, enquanto é *zeitlich* a representação disso que corresponde a uma proposição que contém a palavra vermelho, da mesma forma que tocar seguindo notas (*von Noten spielen*) não é por si o mesmo que a representação da nota ela própria.<sup>27</sup>

A noção de representação, outrora cifrada uniformemente pelo *Tractatus*, mostra-se agora diversa, mantendo relações distintas com a realidade. A lingua-

---

(25) "Die Farbangabe daß etwas nicht rot ist, ist von anderer Art als die, daß etwas rot (oder blau) ist. D.h. sie ist nicht in [demselben | dem gleichen] Sinn eine Farbangabe. Dagegen kann die Negation eines Satzes eine Angabe gleicher Art sein wie der negierte Satz." (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 3, p. 56; MS 109, p. 102.)

(26) "Wie aber wenn ich sage: „Stell' Dir ein Zimmer vor ..." und nun beschreibe ich ein Zimmer und einen Vorgang darin. Ein solcher Satz hat zu einer Behauptung dasselbe Verhältnis wie ein Bild im allgemeinen zu einem Portrait. Wenn ich nun etwa ein holländisches Genrebild ansehe so halte ich die gemalten Menschen darin nicht für wirkliche Menschen, andererseits ist ihre Ähnlichkeit mit Menschen für das Verständnis des Bildes wesentlich." (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 3, p. 125; MS 109, pp. 232-233.)

(27) "Heißt „sich rot vorstellen" „sich vorstellen daß etwas (etwa ein Teil meines Gesichtsfeldes) rot ist"? Oder gibt es zwei verschiedene Vorstellungen und die eine daß ein Teil des Gesichtsfeldes (oder das Ganze) rot ist; die andre: die Vorstellung der Farbe rot; also die Vorstellung dessen was dem Wort rot entspricht nicht dessen was einem Satz entspricht, der das Wort (rot) enthält?" (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 3, p. 125; MS 109, p. 233.)

gem (única na aparência, como a imagem pintada, como as diversas manivelas em uma cabine de maquinista), a linguagem pode agora ser muitas coisas. Uma imagem de contos de fadas, um quadro temático, um retrato, um ornamento, etc. Quem pinta, com efeito, pinta algo e, se pinta algo, não é algo efetivo? Sim, mas qual é o objeto do pintar, a imagem ou o objeto que esse pintar apresenta? Comparamos a proposição com a realidade. Que haja, porém, proposições que são imagens e não retratos, isso se relaciona com ser temporal (*zeitlich*) o mundo e não *zeitlos*. Se tudo porém fosse retrato, não haveria hipóteses, não haveria lugar para dizemos “af” de af, dados ab cd ef df.<sup>28</sup> Por outro lado, a proposição esconde um elemento não hipotético, assim como a possibilidade de dizer demarca-se internamente com o que não pode ser dito. A própria afiguração comporta traços anhipotéticos, pois, que seja uma imagem, mesmo se falsa, não é isso mesmo hipotético, ou a significação voltaria a depender da verdade, de existirem as coisas representadas. É hipotético o que afirma, mas não que afirma, que seja afiguração.<sup>29</sup> Por isso mesmo, em uma história inventada, o sentido não está por isso menos determinado. Este não depende então da existência do que se relata, mas antes do modo com que se relata, ou melhor, por compartilharem os relatos certas palavras, retratos, pontos excelsos, paradigmas, anteriores à imagem e comuns a mundos reais e imaginários, assim como, no *Tractatus*, reconheceríamos a determinação do sentido pela suposição de uma substância comum.<sup>30</sup>

Fazer-se uma imagem é poder surpreender-se ou decepcionar-se, o que jamais ocorreria se o mundo fosse *zeitlos* e necessária, não hipotética, toda repre-

(28) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, pp. 90-91; MS 107, p. 155.

(29) “In dem, was den Satz mit der gegebenen Tatsache verbindet ist nichts Hypothetisches.” (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 16; MS 109, p. 25.)

(30) “Denn in jenen erdichteten Sätzen haben doch die Wörter Bedeutung wie in den anderen, rot, blau, rechts, links, Kopf, Fuß, bedeuten dasselbe wie sonst. D.h. es ist eine Verbindung mit der Wirklichkeit vorhanden. In einem Sinne wenigstens; — aber es fehlt die Verbindung mit dem Jetzt und Hier. (Erinnern wir uns aber, wie die Bedeutung eines Wortes fixiert ist.)” (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 16; MS 109, p. 26.)

sentação. Para podermos, porém, estar decepcionados com um indicador, algo precisa estar seguro. É preciso que a imagem dele seja pretensamente a imagem dele, deve certamente poder ser dele, de sorte que a hipótese aí se sustenta por um retrato, como que a garantir simplesmente isso: a ligação entre a palavra e o que ela significa.<sup>31</sup> A imagem não pode ela própria garantir a ligação, ou precisaríamos de uma imagem do que têm em comum, e uma imagem da imagem do que têm em comum, etc. Se a imagem só pode garantir sua ligação ao representado pela semelhança, o retrato contudo não depende dela, liga-se sem um modelo dessa ligação, mas também no interior da linguagem (como, de resto, a intenção!).<sup>32</sup> Em suma, a semelhança não é critério e o retrato é todavia critério,<sup>33</sup> mas a ligação, afirma já em julho de 1931, dar-se-ia como se dá a de agir em seqüência a uma ordem, não passa por uma interpretação, como tampouco dependeria de uma interpretação o agir segundo uma ordem. Mostra-se pela atribuição que o retrato é de fulano ou de beltrano, não por algum modelo interno conciliador. Logo, a atribuição faz parte de ser o retrato de fulano, sem que se mostre por isso um conteúdo pensado.<sup>34</sup>

---

(31) *“Aber in wiefern ist dieses Bild ein Bild eben dieses Zeigers? Ein Porträt. Ein Porträt eines Menschen den es nicht gibt ist ein Unding. Zum Porträt gehört also der Mensch den es darstellt. „Das soll er sein“ darin liegt das ganze Problem der Darstellung.”* (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 2, p. 304; MS 108, p. 251.)

(32) *“Das Porträt ist nur ein dem N. ähnliches Bild (oder auch das nicht) es hat aber nichts in sich (wenn noch so ähnlich) was es zum Bildnis dieses Menschen d.h. zum beabsichtigten Bildnis machen würde. (Ja, das Bild was dem Einen täuschend ähnlich ist kann natürlich in Wirklichkeit das schlechte Porträt eines Andern sein.)* (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 2, p. 317; MS 108, pp. 274-275.)

(33) *“Als Porträt ist ein Bild gemeint und wenn es und sein Gegenstand auch gänzlich unabhängig von einem Menschen existieren könnten, als Bildnis gemeint kann es nur von einem Menschen sein. D.h. für das Bild und seine Ähnlichkeit ist es ganz gleichgültig ob es jemand gemalt, gesehen, es ähnlich gefunden hat, wenn man es aber ein Porträt nennt so muß jemand da sein der es als Porträt meint.”* (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 2, p. 318; MS 108, p. 275.)

(34) *“Nun kann man doch fragen: „Wie zeigt sich denn das, daß er das Bild als Porträt des N. meint?“ — „Nun indem er’s sagt.“ — „Aber wie zeigt es sich denn daß er das mit dem meint was er sagt?“ — „Gar nicht!“.* (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 2, p. 318; MS 108, p. 275.)

O mistério da ligação não se cifra bem por uma sensação, pois não se oferece como causa, mas antes como fundamento; e a ligação ou o desvio entre imagem em objeto não é causal, nem *erfahrungsgemäß*. Assim, não podem constituir-se em fundamento quer a sensação,<sup>35</sup> quer a imagem.<sup>36</sup> A ligação faz-se na linguagem, de sorte que a pergunta pelo pensado torna-se significativa na resposta, coincidindo com ela. A pergunta pelo sentido não precisa ser assim respondida antes da ligação, assim como o significado da regra não se determina fora de seu emprego. Mas, então, assim como o emprego será interior à regra, a ligação não é exterior à linguagem. Todo pensar, afinal, precisa acontecer em sinais.<sup>37</sup>

A essência da noção de retrato recobre, pois, a de intenção, sob o aspecto do que por elas se representa. “*Wesen des Porträts, die Intention*” é um dos títulos de um agrupamento futuro, no *Big Typescript*, o TS 213. Seria, porém, simplista ler a frase “A essência do retrato; a intenção” como afirmando uma identidade ou uma relação causal.<sup>38</sup> Não pode significar que depende de um ato de vontade

---

(35) “Was ich also das „Meinen“ nenne hat mit dem Bild nichts zu tun.” (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 2, p. 318; MS 108, p. 276.)

(36) “Keine Untersuchung des Bildes kann je ergeben wessen Porträt es ist (d.h. wen es darstellen soll).” (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 2, p. 318; MS 108, p. 276.)

(37) “Kann ich denn ohne Sprache erwarten? Wenn aber nicht, wie weiß ich was der Satz für mich für einen Sinn hat, wenn diese Frage überhaupt etwas heißt? Denken nenne ich das was sich durch eine Sprache ausdrücken läßt. Dann muß es in diese Sprache aus einer anderen übersetzt werden. Ich will sagen: alles Denken muß dann in Zeichen vorsichgehen.” (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 2, p. 319; MS 108, p. 277.)

(38) A relação de intenção é da ordem do fundamento e da forma, não da causa ou do mecanismo: “Die Intention, wie ich das Wort verstehe, ist nicht eine psychische Maschine die das leisten kann, was eine aus Holz und Eisen nicht leisten kann. Sondern ich brauche das Wort überhaupt nicht zur Bezeichnung einer Art von Mechanismus.” (WITTGENSTEIN, Ludwig, Wiener Ausgabe, vol. 3, p. 138; MS 109, p.262.) O essencial para ser retrato é a intenção de que o seja e não a semelhança, devendo isso porém ser agarrado

de algo ser ou não um retrato, tampouco depende de um ato mental. Wittgenstein parece sim estabelecer um *Gleichnis*, não uma *Gleichheit*. Em grande medida, a essência do retrato é simplesmente como a essência da intenção. A essência do retrato cifra a intenção e desta depende, pois não resulta de uma semelhança, que antes constitui.<sup>39</sup> A intenção, portanto, tampouco poderia ser mero estado psicológico para o qual requereríamos uma imagem, um modelo. Se a essência do retrato é a intenção, a essência da intenção é a imagem do que representa ou, no caso do retrato, do que apresenta, sem a ocorrência de um terceiro evento para além de pensamento e fato. A relação entre intenção e objeto é portanto interna, distinta de qualquer relação externa, causal, entre linguagem e ação. Mas, assim, a intenção não reside na imagem ela própria, afinal, como imagem, não importando como fora produzida, poderia ser pensada de várias formas. A intenção reside antes no modo como a imagem é comparada com a realidade. Em seu caso, sendo interna a relação, não se consoma por espécie alguma de satisfação. Por exemplo, se esperamos dois colegas e ficamos felizes com a chegada de um deles, nem por isso teríamos esperado por um apenas.<sup>40</sup> Sendo interna a relação de intenção, a expectativa é já, originalmente, expectativa de satisfação e a satisfação, apenas a satisfação da expectativa. Eis como, de forma lógica, a expectativa só pode apontar para o esperado.<sup>41</sup>

Se a essência do retrato é a intenção e a essência da intenção é a relação interna entre a afiguração e o afigurado, podemos compreender porque chega a afirmar o retrato como a forma de representação por excelência, a saber, como a forma *zeitlos* que possibilita a expressão do *zeitlich*, os pés firmes que nos permitem

---

na linguagem. No *Livro Azul*, o TS 309, afirma claramente que “*similarity does not constitute our idea of a portrait*”; além disso, a intenção “*is neither a particular state of mind nor a particular mental process*” (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein’s Nachlass*, TS 309, pp. 51 e 52).

(39) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein’s Nachlass*, TS 212, p. 813.

(40) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 199; MS 107, pp. 294-295.

(41) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, pp. 291-292; MS 108, p. 228.

mover as mãos.<sup>42</sup> Se a intenção é condição do pensamento, nessa formulação do período intermediário, seus traços só se materializam plenamente quando o representado é por completo apresentado, sem depender de alguma semelhança que porventura pudesse sugerir uma não satisfação. Em suma, o tema da intenção, com o qual critica a teoria causal de Russell acerca da expectativa, aponta para outras formas de representação que não mais dependem de uma relação isomórfica entre proposição e realidade.<sup>43</sup> No caso, temos uma relação interna com o *Porträt*, de sorte que a representação nem sempre é representação de algo. O retrato é, em seus fundamentos, diferente da imagem, pois é uma representação que, ao contrário, põe algo necessariamente. Quem se faz uma imagem, sabe que lhe é essencial poder corresponder ou não com o representado. Um retrato, porém, é aqui, neste contexto teórico, algo bem diferente. Um retrato de um homem que não existe, diz Wittgenstein, é uma quimera, um absurdo, pois ao retrato pertence o homem que ele apresenta. Nesse sentido apenas, de modo pouco trivial e mesmo técnico, retrato liga-se a paradigma, a amostra. Ele não afirma apenas que haja algo ou que as coisas estejam assim e assim, mas antes que deva ser assim, e nesse dever ser que possibilita a representação reside todo o problema da apresentação. O retrato, intenção, dirá, é como um *Maßstab*.<sup>44</sup>

Que algo então seja o retrato de A, sem que essa atribuição possa ser reconhecida em uma semelhança ou possa sequer ser testada, é algo que se dá como regra ou travado por regras, de sorte que a relação, não sendo de semelhança, reside em um dever ser semelhante e, portanto, em oferecer um critério para a própria semelhança.<sup>45</sup> Há isso de singular no retrato: Nenhuma investigação da imagem pode ser suficiente para dizer de quem pode ela ser retrato, sendo uma

---

(42) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 199; MS 107, p. 294.

(43) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, TS 212, p. 648.

(44) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, p. 304; MS 108, p. 251.

(45) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, TS 210, p. 72.



relação interna afirmada segundo o modelo da intenção. Por mais que aprimoremos um desenho, ele é insuficiente para ser retrato e nenhuma investigação de suas proporções nos aproximará de um objeto que ele, como imagem, não põe. Por mais que pareça com fulano, pode ser o retrato de beltrano, sendo independente de este existir ou não, e nenhum estado mental não colhido na linguagem seria responsável por isso que se une apenas na linguagem.<sup>46</sup> Uma imagem torna-se retrato quando se expressa, sendo o comum talvez a nossas proposições autênticas em toda sua gama, ou seja, às proposições que, estando em ordem, podem representar este mundo ou um mundo fictício: *rot, blau, rechts, links, Kopf, Fuß*. É o que há de comum à possibilidade de descrição desse mundo e de qualquer mundo, tendo se tornado intragramatical o que seria uma verdade universal do *Tractatus*, neste cifrada na categoria de substância. Mas agora a mera *Verbindlichkeit* não parece ser o único traço essencial dos componentes dessa substância.

5

Com o retratar, sentimo-nos, por assim dizer, comprometidos, obrigados. Não é um traçar aleatório, mas um já travado por regras, havendo para elas um método de projeção. Por exemplo, o traçar de um vermelho já carrega o sistema de cores, suas contingências e suas interdições, começando o desenhar de imagens apenas estando dada a obrigação. As relações externas têm assim esse contexto não arbitrário.<sup>47</sup> Que a fenomenologia tenha se tornado gramática, isso implica, entre outras coisas, não poder ser colhido o termo elementar fora de um simbolismo. Se intentamos algo, escolhemos palavras segundo regras. Se intentamos algo, retratamos, ou seja, apresentamos segundo uma regra, como o escreve no MS 109 (p. 281), em 30 de janeiro de 1931. O enunciado de uma proposição

---

(46) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 124; MS 109, p. 232.

(47) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, TS 212, p. 610.

nunca seria um retratar se as palavras não fossem escolhidas em um sistema, de sorte que se possa dizer que foram escolhidas em oposição a outras. Retratar é escolher palavras segundo um sistema, logo, no interior de uma gramática. Com isso, as palavras não estão nele em pé de igualdade e em condição de indiferença, não sendo indiferente escolher o laranja ou o azul.<sup>48</sup>

A semelhança não faz o retrato, que tem uma ligação interna com o retratado e não uma externa, que, por exemplo, resultasse da concordância de vários pontos. Assim, o retrato de Daniel, mesmo que pareça ainda mais com Pedro, é de Daniel.<sup>49</sup> Como então saber o que é pensado, mentado, de sorte que a imagem seja um retrato. Simplesmente, ao lhe escrevermos o nome embaixo, ou ao dizermos isso. Por esse simples gesto, que lhe pareceria exterior, mas que se revela essencial. Uma atribuição que não é mental e não depende de uma comparação mental, uma vez que esta não teria modelo de si mesma que não a semelhança. Mas entre o amigo que espero e o amigo que reencontro não faço a ligação por uma semelhança. Enquanto imagem, a representação lhe seria apenas semelhante, enquanto, mais fundamente, a representação propriamente dita, por excelência, seria como *“ein ungemaltes Portrait”*.<sup>50</sup>

Como a palavra ‘vermelho’ pode ser um sinal? Seria sinal de quê? Se isso não pode se esclarecer por sua explicação, se esta não pode ter multiplicidade para mostrar o que a torna um sinal, onde deve estar isso expresso? Como pode um sinal ser compreendido quando já é pensado no modo por que se esclarece, devendo estar decidido isso sobre o que ainda se fala? Como pode ser empregado o objeto de uma contenda para a qual, além dele próprio, não há qualquer critério? Recor-

(48) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, TS 211, p. 146 e TS 212, p. 607.

(49) *“Was ist das Kriterium dafür, wie ist es zu verifizieren, daß dieses Bild das Porträt [jenes | dieses] Gegenstandes ist — d.h., ihn darstellen soll? Die Ähnlichkeit macht das Bild nicht zum Porträt (es könnte dem Einen täuschend ähnlich und dabei das Porträt eines Andern sein, dem es weniger ähnlich sieht.)”* (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, MS 114, p. 85.)

(50) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, MS 114, p. 85.

rendo talvez a um vermelho originário, à semelhança do metro de todos os metros?<sup>51</sup> Caminhemos para solução da dificuldade. Não podemos ter uma imagem, mas sim um retrato do vermelho. O vermelho está tanto na definição como na coisa que o define, é como a expectativa que se reencontra na expressão do acontecimento que a satisfaz. Aqui, o vermelho é condição de definição de si mesmo, um resíduo inalienável. É exemplo da relação entre linguagem e mundo que não é de afiguração, mas de retrato, na qual o que é afigurado pertence à figuração.

O retrato independe de semelhança. Na imagem, o semelhante à figuração não é interno à figuração, daí poder ela ser verdadeira ou falsa. O retrato tem, porém, uma relação interna com o afigurado, enquanto a proposição tem uma relação externa. O retrato não está na ordem dos fatos, sendo anterior a uma expressão verifuncional. É polar, necessário, anhipotético, anterior a qualquer informação, como um paradigma.<sup>52</sup> O retrato é a possibilidade de apresentação e não de representar o objeto. Momento em que linguagem e mundo coincidem. Mas aí, por um simples ato de nomeação de um retrato ou por uma apresentação de uma amostra, os fundamentos da significação constituem-se mediante um componente pragmático.<sup>53</sup> O retrato do vermelho é então uma escolha, um apontar, um colocar o sinal no espaço de suas regras gramaticais, não sendo acidental o traço da ostensão, que, de um ponto de vista lógico, não ajuda simplesmente à compreensão da palavra, sendo antes uma regra simbólica para o emprego da palavra 'vermelho'.<sup>54</sup>

---

(51) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 130; MS 109, p. 243-244.

(52) Paradigma: peça de constituição da possibilidade de descrição do mundo, que tem relação com outras peças e, não obstante, é simples. Certamente, é termo de espectro mais largo que 'retrato', recobrando-lhe as funções teóricas.

(53) *“Die primären Zeichen wie Du sie meintest wären eigentlich gar keine Zeichen. Sondern sie [verhalten | verhielten] sich zu Zeichen [wie das Porträt eines Menschen zu seinem Namen | wie mein Porträt zu meinem Namen]. Es ist also dann wesentlich, daß das Täfelchen worauf ich mit den Wörtern „diese Farbe nenne ich ‚rot‘“ zeige, rot ist. [Übrigens merkwürdig, daß wir, wenn es primäre Zeichen gibt, die sekundären überhaupt verwenden können.”* (WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, MS 153a, p. 139r.)

(54) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein's Nachlass*, MS 153a, p. 146r.

Um simples gesto de apontar permite distinguir o que não pode ser distinguido. Distingue, pois, conservando a indistinção. Com isso, a manipulação de objetos do mundo, ora incorporados à linguagem, aponta para a constituição da objetividade mediante elementos pragmáticos. Nossa série anterior de reflexões sobre o retrato continua assim:

Não é por acaso que, naturalmente, se aponte para um objeto vermelho ao se explicar o significado da palavra 'vermelho'.

(O que é natural nisso é apresentado nessa proposição pela dupla / ocorrência // aparição // da palavra 'vermelho'.)

No TS 212, Wittgenstein acrescenta aos anteriores um parágrafo:

E dizer que o azul se situa do lado azulado do violeta e o vermelho do avermelhado, é uma proposição da gramática e, portanto, aparentada a uma definição. E pode-se, com efeito, dizer: azulado = mais semelhante ao azul.

E, servindo desse parágrafo, completa uma série, com a associação de dois outros, extraídos do MS 111:

“Quem chama a cor verde um objeto precisa dizer que esse objeto ocorre no simbolismo, pois, do contrário, não estaria seguro o sentido do simbolismo e, portanto, que se trata de um simbolismo.”

Mas, o que é enunciado do verde ou da palavra “verde”? (Essa proposição relaciona-se a uma determinada compreensão da relação de significar, e a uma determinada interrogação a ela correspondente.)

Curiosa, porém, é uma supressão, pois, nessa rearrumação futura de Wittgenstein, algo se oculta. Cabe aqui citar um texto desaparecido na reconstrução de Wittgenstein de parágrafos do MS 111, talvez por sua demasiada e pouco

elegante explicitude: “*Das stößt natürlich den ganzen Begriff vom Gegenstand um! Und mit Recht. Gegenstand darf nicht Rot, links und viel sein, sondern nur der rote Fleck, der Tisch, etc.. Will man sich mit diesen Dingen nicht abgeben, so ist es wohl besser, man gebraucht das Wort „Gegenstand“ nicht.*”<sup>55</sup> Ou seja, objeto é agora o que se constitui como objeto, como ponto excelso, em manipulações simbólicas, que, em breve, consagrará com a expressão ‘jogos de linguagem’. Assim, a reflexão sobre o retrato do vermelho tanto comporta uma crítica à noção de objeto, como aponta para uma diferente constituição da objetividade – severa, gramatical, mas com os pedaços deste mundo que habitamos.

6

Como nasce um conceito? Em que medida podemos considerá-lo circunscrito, determinado? São questões que antes remetem a um *tempo* da obra, a um seu ritmo, um seu andamento. Certamente, não basta a ocorrência casual de uma palavra que lhe faça alusão. Tampouco pode ser suficiente um seu exemplo, pois casos singulares só lhe servirão de exemplo em um dado contexto. Decisiva, então, será a economia da obra que o solicita e dele necessariamente se serve. A partir de então, podemos dizer, índices se tornam símbolos. Um conceito nasce, pois, estritamente, não só ao estar, em sua letra, disponível na obra do seu autor ou em outras literaturas, mas ao ser solicitado por seu andamento, ainda que não se tenha encontrado a palavra que doravante o deve batizar. Assim, quando nasce o conceito de ‘paradigma’? Em que medida a obra de Wittgenstein o solicita? Como faz prosseguir uma investigação – no caso, uma investigação fenomenológica – e, ao mesmo tempo, condiciona a origem de um outro conceito, o de ‘jogos de linguagem’, ao qual reserva a sorte enorme fortuna?

A obra solicita, em certo momento, uma resposta não-hipotética ao problema do simples e, dessa forma, uma continuação da investigação fenomenológica.

---

(55) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, p. 57; MS 111, p. 112.

Procuram-se assim laços não causais entre linguagem e percepção, e, em se tratando de pontos excelsos, que servem à descrição mas não podem ser descritos, não pode mais bastar uma relação representativa de semelhança. Em suma, trata-se de resolver a questão lógica (e não epistemológica) da assimetria capaz de fundar a gramática como autônoma, ao separar (por exemplo, no octaedro das cores) o dado de si mesmo, ao isolar um fragmento do mundo que, antes que sintoma, torna-se critério de identidades possíveis. Identificadas, aqui brevemente, estas exigências teóricas, pudemos localizar o momento teórico em que se afirma a noção de paradigma. Certamente, ela é esboçada, por vezes de modo hesitante, em muitos fragmentos, mas é bastante claro um momento, em agosto de 1930, sobretudo no MS 109, em que a noção passa a ser instrumento da obra, condensando um importante resultado teórico. O paradigma rouba ao mundo um instrumento substancial, torna-o linguagem, de modo que, por exemplo, não tem sentido perguntar do padrão do vermelho se ele é vermelho. Assim, o vermelho não nos apresenta uma imagem (*Bild*) do mundo, mas antes e essencialmente um seu retrato (*Porträt*), de sorte que Wittgenstein pode dizer que podemos inventar nomes de pessoas, mas não nomes de cores.<sup>56</sup>

O paradigma expressa-se sem poder ser dito. Em seu reconhecimento, nada digo, antes expresso uma ligação essencial, ou seja, sua própria expressão não é uma proposição significativa (no sentido do *Tractatus*), porque condição de proposições significativas. O significado de “vermelho” não é, portanto, explicado na medida que apontamos para um fragmento do mundo e dizemos “Isto é vermelho”, pois aí a semelhança não joga qualquer papel, “wohl aber eine *Identität*; die eben durch die /jene/ Art der Namengebung angezeigt /gezeigt/ wird”.<sup>57</sup> Fica assim clara a ligação essencial entre as noções de amostra, paradigma e *Porträt*, bem como o modo por que se solicita a introdução de um componente pragmático na fixação de ligações elementares entre, por exemplo, nome e objeto.

(56) Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 18; MS 109, p. 31.

(57) WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, p. 28; MS 109, p. 49.

A noção de jogos de linguagem não ocorre textualmente antes de 1932. Todavia, as condições teóricas estão dadas para ela, seu espaço categorial está como que traçado na crítica aos limites da própria representação, ou melhor, na crítica ao necessário para sua possibilidade. Construído categorialmente seu contexto teórico, será talvez natural o gesto de a levarmos ao mercado. O contexto teórico a que nos referimos é exatamente o tratamento dos dados dos sentidos, no qual se solicita, pelo recurso ao par conceitual *Bild/Porträt*, a introdução de um componente pragmático na definição de pontos excelsos. Se não for uma reposta a ele, a noção vem ao encontro de um ato lingüístico por que retratamos o vermelho. *Porträt* é um dos nomes da noção de paradigma; afinal, um laço significativo une essas noções, ao menos em alguns de seus usos, a saber, naqueles em que Wittgenstein opõe a noção de *Porträt* (por vezes correlata à de paradigma) à noção de *Bild* (correlata amiúde à de proposição). O fato de o uso da expressão *Porträt* não ser unívoco parece ter desestimulado os comentadores, que pouco se arriscaram a seu respeito. Na verdade, podemos perceber um uso pouco técnico da expressão, uma ocorrência variável, como é variável e múltiplo o uso da noção de *Bild*, que perpassa a obra em vários sentidos. Entretanto, julgamos reconhecer, entre outubro de 1929 (quando aliás abandona o projeto de uma linguagem primária) e janeiro de 1932, um uso consistente, restrito ao contexto do confronto entre ser *Bild* e ser *Porträt*.

Com a vagueza própria de quem está talvez a expor *frische Keime*, a associação se torna íntima e mesmo definidora de certas passagens,<sup>58</sup> nas quais podemos flagrar o momento teórico em que paradigma, amostra e *Porträt* perfazem juntos a tarefa fenomenológica de produção não-hipotética do simples, ou seja, quando

---

(58) Um texto decisivo é o MS 153a (sobretudo p. 138ss), no qual a analogia se apresenta com plena força, sem contudo configurar doravante uma terminologia definida. “*Das Porträt von Rot*” não é semelhante ao ‘*Rot*’, não pode ser falso, é seu critério, sua amostra. Tampouco há relação única entre paradigma e amostra, pois a noção de paradigma mostra-se cada vez mais generosa, não mais se restringindo ao jogo primário da nomeação (Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig, *Wittgenstein’s Nachlass*, MS 118, pp. 40-42).

permitem e solicitam uma resposta à questão: como sabemos que parece vermelho o que parece vermelho? Em outras palavras, como sabemos que não é azul? Como sabemos distintos o vermelho e o azul? Nesse momento, o *Porträt*, com sua natureza ostensiva e pragmática, põe um critério, firma coordenadas, solicita uma aplicação, um emprego, de modo que (poderá dizer, por exemplo, em 1937!) saber que esta cor é 'vermelho' é problema de mesma natureza que o de seguir uma regra.<sup>59</sup> Da mesma forma, sem ser o mesmo, esse momento decerto guarda semelhança com as futuras apreciações da gramática do 'ver' e do 'ver como', na medida que nunca redundam numa forma de behaviorismo. Afinal, a distinção entre cores que vejo e as que vejo como, dependente da distinção entre estado e atividade, recuperam em outro plano a determinação do primário, do intragramatical, do elementar, do simples na percepção, do *Porträt* enfim, por oposição ao secundário e complexo dos *Bilder*. A noção de *Porträt* parece, porém, não ter vida longa. Na verdade, ela passa a assumir um lugar destacado apenas sob outra roupagem bem mais flexível com a idéia de paradigma, de amostra, etc., quando se associa a novos recursos conceituais.

## 7

Nosso artigo tem um segredo, que é também parte de sua justificação. Ele se sustentou por um texto de Wittgenstein, aqui semi-oculto, mas que lhe ofereceu "régua e compasso". Tomamos um conjunto de anotações esparsas de Wittgenstein, cuja aproximação fizemos parecer por vezes brusca, como se fora um roteiro precário. Entretanto, a aproximação foi feita pelo próprio Wittgenstein, que, ao ter unido esses fragmentos, ofereceu-nos, segundo julgamos, uma proposta e uma comprovação. Trata-se do item 214c do espólio de Wittgenstein, um conjunto de 12 pequenos agrupamentos de texto que figuram como apêndice ao célebre datiloscrito 213 (o *Big Typescript*), sob a rubrica sugges-



tiva: “*Gegenstand*” (“Objeto”), e que coincide com agrupamento anterior, já sob a mesma rubrica, no menos célebre TS 212 (p. 1880), composto em janeiro de 1932, bem como no TS 211 (p. 255).

Se este nosso artigo tem, assim, alguma importância, ela reside primeiro em chamar a atenção para esse breve fragmento do espólio; e, tendo acertado de algum modo, ele vale, em segundo lugar, por procurar favorecer o entendimento de seu lugar na obra, talvez tornando mais claro o sentido desses parágrafos que, agora, concluindo, podemos rememorar:

1. [Página 13] “Um objeto, em certo sentido, não se deixa descrever” (também em Platão: “ele não pode ser / descrito // explicado //, mas apenas nomeado”) [...] Com [“] objeto” se quer dizer aqui o “significado de uma palavra não mais definível”, e com “descrição” ou “explicação”, simplesmente: definição, pois, é claro, não se nega que o objeto possa ser ‘descrito de fora’, que lhe possam ser / atribuídas // adscritas // propriedades.
2. Com uma proposição como aquela acima, pensamos pois em um cálculo com sinais indefiníveis (ou dito de modo mais correto, não-definidos), os nomes, e deles dizemos que não podem ser explicados.
3. “O que uma palavra significa, / não se pode dizer // uma proposição não pode dizer //.”
4. Como então se distingue o azul do vermelho?  
Afinal, não pensamos que uma tenha essa propriedade e a outra aquela. Aliás, são propriedades de azul e vermelho que este [Página 14] corpo (ou lugar) seja azul e aquele vermelho.
5. À pergunta acerca de “qual a diferença entre azul e vermelho”, poder-se-ia responder: esta é azul e a outra vermelha. Isto, porém, não significa nada e, em verdade, está-se aqui a pensar na diferença entre superfícies

ou lugares que têm essas cores; ou, do contrário, a pergunta não teria qualquer sentido.

6. Compare, ao contrário: Como se distingue o laranja do rosa? Uma é mistura de amarelo e vermelho; a outra, de branco e vermelho. E pode-se dizer de modo correspondente: azul resulta do púrpura à medida que este se torna cada vez mais azulado; vermelho, se se torna cada vez mais avermelhado.
7. O que digo significa, portanto: não se pode descrever o vermelho. Não se pode, contudo, apresentá-lo pictorialmente, ao se pintar algo vermelho?
8. Não, isso não seria uma apresentação pictórica do significado da palavra 'vermelho' (tal não há).  
O retrato do vermelho.
9. Mas, de qualquer modo, não é por acaso que, naturalmente, se aponte para um objeto vermelho ao se explicar o significado da palavra 'vermelho'.
10. (O que é natural nisso é apresentado nessa proposição pela dupla / ocorrência // aparição // da palavra 'vermelho'.)
11. E dizer que o azul se situa do lado azulado do violeta e o vermelho do avermelhado, é uma proposição da gramática e, portanto, aparentada a uma definição. E pode-se, com efeito, dizer: azulado = mais semelhante ao azul.
12. [Página 15] "Quem chama a cor verde um objeto precisa dizer que esse objeto ocorre no simbolismo, pois, do contrário, não estaria seguro o sentido do simbolismo e, portanto, que se trata de um simbolismo."

Mas, o que é enunciado do verde ou da palavra "verde"? (Essa proposição relaciona-se a uma determinada compreensão da relação de significar, e a uma determinada interrogação a ela correspondente.)<sup>60</sup>

RESUMO

*A obra de Wittgenstein apresenta, de outubro de 1929 a janeiro de 1932, uma resposta não-hipotética ao problema do simples, associada à noção de *Porträt*, que então opõe à de *Bild*. Desse modo, Wittgenstein pode continuar uma investigação fenomenológica sem a ilusão de uma linguagem primária. Localizamos na noção de *Porträt*, quando usada tecnicamente nesse período, uma expressão importante dessa procura de relações internas, de laços não causais entre linguagem e percepção, sobretudo em se tratando de pontos excelsos, que servem à descrição, mas não podem ser descritos. Pretendemos tornar clara a ligação essencial entre as noções de amostra, paradigma e *Porträt*, bem como o modo por que a obra passa a solicitar a introdução de um componente pragmático na fixação de ligações elementares entre, por exemplo, nome e objeto. Caracteriza, enfim, nosso artigo ter destinado especial atenção ao item 214c do espólio de Wittgenstein, um conjunto de 12 pequenos agrupamentos de texto que figuram como apêndice ao célebre datiloscrito 213 (o *Big Typescript*), sob a rubrica sugestiva: “*Gegenstand*” (“Objeto”).*

**Palavras-chave:** Wittgenstein, nome, objeto, percepção, *Porträt*.

ABSTRACT

*Wittgenstein's work presents, from October 1929 to January 1932, a non-hypothetical answer to the problem of what might be simple, associated to the notion of *Porträt*, which is then opposed to the notion of *Bild*. This being the case, Wittgenstein can continue a phenomenological investigation without the illusion of a primary language. We found the notion of *Porträt*, when technically used at that time, as an important expression of that search for internal relations, for non-causal bonds between language and perception, especially when dealing with eminent points which serve to describe, but cannot be described. We intend to make clear the essential link between the notions of sample, paradigm and *Porträt*. We also intend to make clear how his work comes to request the introduction of a pragmatic component on setting elementary links between, for example, name and object. Finally, this paper is also characterized for devoting a special attention to the 214c item of Wittgenstein's *Nachlass*, a set of 12 small clusters of texts that appears as appendix to the well-known 213 typescript (the *Big Typescript*), under the suggestive name “*Gegenstand*” (“Object”).*

**Keywords:** Wittgenstein, name, object, perception, *Porträt*.

*Referências Bibliográficas*

WITTGENSTEIN, Ludwig, *Briefwechsel mit B. Russell, G. E. Moore, J. M. Keynes, F. P. Ramsey, W. Eccles, P. Engelmann und L. von Ficker*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1980.

\_\_\_\_\_, *Tractatus Logico-Philosophicus*, São Paulo, Edusp, 1993.

\_\_\_\_\_, *Wiener Ausgabe*, vol. 1, Wien, Springer, 1994.

\_\_\_\_\_, *Wiener Ausgabe*, vol. 2, Wien, Springer, 1994.

\_\_\_\_\_, *Wiener Ausgabe*, vol. 3, Wien, Springer, 1995.

\_\_\_\_\_, *Wiener Ausgabe*, vol. 4, Wien, Springer, 1995.

\_\_\_\_\_, *Wiener Ausgabe*, vol. 5, Wien, Springer, 1996.

\_\_\_\_\_, *Wiener Ausgabe*, vol. 11, Wien, Springer, 2000.

\_\_\_\_\_, *Wittgenstein's Nachlass. The Bergen Electronic Edition*, Oxford, Oxford University Press, 2000.